



EXPRESSO - 20 de Abril de 1991

Nota

UM CRIME DE LUXO

de Artur Semedo

Os filmes de Artur Semedo costumam existir na periclitante conjugação da sua veia de criador de situações, do uso de actores populares e de uma irreverência truculenta onde Deus, Pátria, Família e perfis castrenses têm recebido algumas zurzidelas mais ou menos saborosas. A matéria de "Um Crime de Luxo" é similar, mas o tecido esgaça por todos os lados. Nem as situações têm grande hilariedade (embora seja divertido ver Fátima Murta em declamadora empolgada...), nem o argumento se aguenta de pé, nem os actores conseguem salvar o insalvável (o que talvez seja significativo de como o vigor em cinema assenta em alicerces bem diversos dos do palco - veja-se o caso de Marina Mota, por exemplo). Verifique-se, todavia, que um dos raros momentos fortes do filme (o seu final) assenta por inteiro em Artur Semedo-actor, em terrífico matador, de negra capa e carabina... Verifique-se, também, que a falta de inspiração do realizador contagiou a cenografia (oscilando entre o bom - a alcova em 'estilo Amoreiras' - e o muito mau - o bar talhado em fé e em império) e a própria direcção de fotografia... Sendo um dos muito poucos realizadores portugueses cuja relação com o cinema sempre passou por um apelo popular, o falhanço de Artur Semedo neste "Um Crime de Luxo" pode significar que se está em vias de cortar um laço essencial da relação com o público. O que é uma perda muito maior que a simples derrapagem de um filme. (JLR)

